

Consultor da OMS diz que o Brasil é um país doente

A distância entre o que a Sociedade e o Estado reconhecem como essencial e indispensável ao ser humano, e a situação real da maioria da população, manifesta-se, no campo da saúde, "na precoce e elevada mortalidade, que importa na perda evitável em nosso estágio de desenvolvimento, de mais de 400 mil vidas brasileiras", foi o que denunciou ontem, o consultor da Organização Pan-americana de Saúde, Carlyle Guerra de Macedo, ao expor o tema principal da VII Conferência Nacional da Saúde: "Extensão das Ações de Saúde Através dos Serviços Básicos".

Destacou o consultor da OPAS que, apesar dos recursos destinados aos cuidados de saúde da população serem "consideráveis e crescentes", como um país doente: "Perdemos, anualmente, mais de um milhão de vidas, carências nutricionais afetam a metade da população e vivemos o paradoxo de um quadro nosológico que é uma mistura de doenças das regiões em desenvolvimento - enfermidades transmissíveis e carenciais - e de problemas típicos do desenvolvimento - as doenças crônicas - degenerativas; os agravos à saúde mental, os acidentes e

violência".

Carlyle Guerra Macedo afirma que há, provavelmente, mais de 40 milhões de brasileiros, sem acesso aos serviços de saúde de que necessitam enquanto que a inadequação dos serviços prestados está extensamente demonstrada: "No campo específico da saúde, os recursos destinados ao setor estiolam-se, consumidos por um sistema de prestação de serviços desvirtuado em sua finalidade, concentrado e sofisticado em demais, a uma contradição com a estrutura de necessidades é orientado, prioritariamente, aos interesses dos produtores de serviços e de insumos e outros bens de "saúde". A "indústria da doença", nascida desses interesses, absorve os recursos disponíveis e se amplia e fortalece com seu crescimento: concentra esforços na recuperação, tão sofisticada e onerosa quanto possível, da saúde perdida (mais de 90%), pois é a doença e não a saúde, a "mercadoria" que a alimenta".

MUDANÇA

Ao postular a necessidade de um profundo processo de mudança dessa estrutura, o consultor da

OPAS assinala que "as necessidades de saúde de nossa população, em sua maioria, são de natureza simples, cujo atendimento adequado requer apenas recursos e técnicas a nível de cuidados primários".

Por essa razão, Carlyle Guerra Macedo afirma que "os serviços básicos devem constituir um programa nacional prioritário e axial da política de saúde do Governo.

Destacou, a seguir, que o financiamento do Programa de Serviços Básicos não envolverá a necessidade de recursos adicionais consideráveis. "Os investimentos necessários - afirmou - serão relativamente pequenos frente à magnitude do Programa, tendo em vista a significativa capacidade pública instalada e os baixos custos da rede a ser implantada".

Por fim, o consultor da OPAS observou que a viabilidade da proposta dos serviços básicos, é, sobretudo, um problema político, ressaltando que "os serviços básicos, como proposta de mudança, afetarão relações sociais no interior do setor, contrariarão interesses e gerarão resistências e oposições".